

ADAPTABILIDADE E DISCURSOS: A LUTA CONTRA O CÂNCER DE MAMA NO CIBERESPAÇO

Renata Martins Amaral
martinsamaralrenata@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/0330575520783859>

RESUMO

A relação do humano com o computador na pós-modernidade, de um modo geral, tem apontado para a utilização da ferramenta como extensão do próprio corpo (MEY, 2009). Assim, o contexto digital revela-se frutífero à investigação e nele buscou-se analisar a adaptabilidade (MEY, 2013) de uma brasileira em tratamento oncológico da mama e seus discursos (CAMERON, 2014), principalmente, através de suas narrativas. Para tanto, valemo-nos da interface entre narrativas (LABOV, 1972; SHIFFRIN, 1996; BASTOS, 2008; RIESSMAN, 2002), identidades (LANGELLIER, 2001) e *performance* (BUTLER, 1990; PEREIRA & CORTEZ, 2013). A investigação é de natureza qualitativa e interpretativa (DENZIN & LINCOLN, 2006) e cunho ciberetnográfico (THOMSEN, STRAUBHAAR & BOLYARD, 1998). Buscou-se com o presente estudo: (I) analisar a adaptabilidade da participante através de seu percurso no contexto digital; (II) identificar como as *performances* da participante contribuem para suas construções identitárias em diferentes espaços virtuais; e (III) compreender os tipos de discursos utilizados por ela em espaços digitais distintos. Percebe-se que a participante enfrenta as etapas de seu tratamento com garra e superação, e ressignifica suas experiências de lamentação tornando-as fonte de inspiração para outros sujeitos através de discursos de emoção, esperança e engajamento político.

Palavras-chave: Adaptabilidade; Discursos no Ciberespaço; Câncer de Mama

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias de informação e comunicação, doravante denominadas NTICs, têm (re)configurado as formas de interação e comunicação através da linguagem nas sociedades pós-modernas no ciberespaço (TURKLE, 1995). Neste cenário, o trabalho em tela focaliza a relação do humano com o computador, haja vista que a ferramenta tem sido utilizada como extensão do próprio corpo (MEY, 2009), como mostra a recente discussão sobre adaptabilidade (MEY, 2013).

Nesse viés, o presente estudo investiga a adaptabilidade de uma brasileira em tratamento oncológico da mama e seus discursos (CAMERON, 2014), principalmente, através de suas narrativas, no ciberespaço. Para tanto, valho-me da interface entre

narrativas (LABOV, 1972; SHIFFRIN, 1996; BASTOS, 2008; RIESSMAN, 2002), identidades (LANGELLIER, 2001) e *performance* (BUTLER, 1990; PEREIRA & CORTEZ, 2013).

No que diz respeito às narrativas de doença, compartilho a visão de Riessman (2002) para quem estas são representativas de um *self* performativo e agentivo, em contraste com um *self* essencialista e unificado, numa perspectiva de narrativa como ação. Também nesse viés, Bastos (2008) acredita que as narrativas representam a forma básica da organização da experiência humana e Lupton (1998) ainda destaca o papel desempenhado pela linguagem e outros artefatos culturais na construção e experiência das emoções em narrativas.

A investigação é de natureza qualitativa e interpretativa (DENZIN & LINCOLN, 2006) e cunho ciberetnográfico (THOMSEN, STRAUBHAAR & BOLYARD, 1998). Os objetivos da pesquisa são: (I) analisar a adaptabilidade da participante através de seu percurso no contexto digital; (II) identificar como as *performances* da participante contribuem para suas construções identitárias em diferentes espaços virtuais; e (III) compreender os tipos de discursos utilizados por ela em espaços digitais distintos.

A composição deste artigo se caracteriza inicialmente em discorrer sobre o conceito de adaptabilidade. Na sequência, apresentar os aspectos teóricos assim como os metodológicos que embasam a investigação. Em seguida, apresentar dados da pesquisa e sua análise, e, na seção seguinte, tecer as considerações finais referentes ao estudo.

2 ADAPTABILIDADE

Ao longo dos séculos, estudiosos observaram como a capacidade de adaptação do usuário ao seu dispositivo foi significativamente gerenciada. Recentemente, no entanto, a relação entre os seres humanos e tecnologia suscitou uma preocupação sobre a adaptabilidade como uma questão relevante (MEY, 2013) na era cibernética. Apesar de assumir-se que cada indivíduo estabelece um nível bastante potencial de intimidade e facilidade para lidar com um dispositivo tecnológico, as fronteiras entre humanos e máquinas parecem ter chegado a um ponto invisível. Adaptabilidade está também associada ao grau de envolvimento e propósito que os seres humanos estabelecem ao

usarem seus computadores em um processo dialético que integra os sistemas independentes e interagentes, computadores e seres humanos (MEY & GORAYSKA, 1994; MEY, 2009).

A parceria entre computadores e usuários devem levar em consideração que cada um tem o seu papel na interação e cooperação. Como resume Mey (2009), "o rabo do computador nunca devem ter permissão para a abanar o cão usuário" (*tradução minha*) (2009:13), ou seja, os seres humanos são responsáveis por decidir como e em que medida eles se adaptam a computadores e os mais recentes dispositivos eletrônicos disponível no mercado, e não o contrário.

Nesta pesquisa, Vitória, a participante do estudo, utiliza as ferramentas tecnológicas com a finalidade de compartilhar suas histórias de vida. Além disso, sua adaptabilidade a múltiplos espaços digitais permite que ela tenha acesso a audiências maiores e utilize esses espaços para divulgar direitos dos pacientes oncológicos e revelar-se politicamente engajada na causa do câncer.

3 POSICIONAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1 Narrativas

A visão precursora de Labov (1972 apud BASTOS & FABRÍCIO 2009) – referente a constituição da narrativa predominantemente em seu caráter estrutural, composta de seis elementos: resumo, orientação, ações complicadoras (elementos essenciais à narrativa), avaliação, resolução e *coda* – tem sido reconfigurada sob a ótica de estudiosos que focalizam os discursos construídos na ordem das narrativas como centrais para a produção dos sentidos que perpassam a visão laboviana e as compreendem por meio das interações e construções de sentidos nas relações micro/macro. Nesse sentido, Bastos e Fabrício (2009) criticam o modelo estrutural de Labov e compreendem as narrativas como “uma prática discursivo-identitária que não pode ser estudada desligada de aspectos contextuais e locais, nem em separado das relações sociais” (p.45). Deste modo e alinhando-me às ideias defendidas por essas autoras, compreendo que a tanto a narrativa quanto a *performance* de Vitória, participante deste estudo, estão engendradas às

questões identitárias (re)construídas à medida que os discursos são proferidos no contexto digital.

De acordo com Bruner (2002) “(...) estamos tão acostumados à narrativa que esta parece ser tão natural como a própria linguagem” (p.03), o que nos permite estudá-la em diversos contextos, ou seja, em múltiplos espaços sociais, com base nas experiências de vida individuais e coletivas. No caso das narrativas postadas pela participante desta investigação, suas experiências individuais de vida passam a ser compartilhadas na rede mundial de computadores com outros interagentes que, geralmente, têm a mesma doença, ou são próximos de alguém que também tem câncer de mama.

Os estudos desenvolvidos por Moita Lopes (2001) e Bastos & Fabrício (2009), que têm uma visão socioconstrutivista da narrativa, também se preocupam com outros aspectos nelas contemplados que vão além da forma tradicional de análise estrutural laboviana, já que todos consideram a narrativa dentro de um fenômeno social, que são coconstruídas dentro de um processo interacional.

Na mesma perspectiva, Linde (1993) valoriza o uso das narrativas com finalidades específicas, pois segundo a autora, “em um nível pessoal nós utilizamos a narrativa para descrever – para nós mesmos e para outras pessoas – quem somos, onde estivemos, e onde iremos: nossas *histórias de vida*.” (p.283) (*tradução minha*). Partindo dessa premissa, os tipos de narrativa estão diretamente ligados às histórias de vida de cada participante, o que garante propriedade a cada indivíduo para narrar suas experiências, sejam elas boas ou más, de felicidade ou de sofrimento, de alegria ou de dor, de frustração ou de conquista. Um exemplo dessas tipificações narrativas, mais características de um ou outro perfil, é possível mencionar as narrativas de sofrimento, observadas nos discursos dos profissionais de saúde desenvolvido por Bastos (2008).

Este estudo, no entanto, tem a pretensão de contribuir em termos teóricos e analíticos no que tange a temática dos discursos em postagens das redes sociais digitais contemporâneas, mais especificamente das narrativas de doença e superação de Vitória, que conta suas histórias de vida (LINDE, 1993) a respeito de seu tratamento oncológico, assim como projeta suas expectativas de vida em narrativa através de um discurso que revela preocupação social.

3.2 Construções Identitárias e Performance

O interesse sobre a questão da identidade aparece com maior veemência em linhas de pesquisa da Antropologia, Psicologia e Sociologia. Nesse contexto, observamos que as contribuições advindas da Linguística Aplicada nos remetem à relação entre a (re)construção das identidades e às narrativas. De acordo com Moita Lopes (2001), “o papel que as narrativas desempenham na construção de identidades sociais nas práticas narrativas onde as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros” (p. 63). São, portanto, as histórias de vida (Linde, 1993) que orientam as identidades pessoais, já que ao contar e recontar histórias, os narradores se constroem e reconstroem o mundo a sua volta.

Gubrium & Holstein (2003 apud ROLLEMBERG, 2013, p. 40) acrescentam que “na vida cotidiana, estamos constantemente envolvidos em práticas sociais de construção de significados e de (re)construção de nossas identidades”. Logo, como sugerem Magalhães & Nóbrega (2012), “nada mais natural do que compreender a narrativa como forma de (re)construção constante de identidades sociais” (p.72).

No que tange às construções identitárias em conflito de um emigrante brasileiro mineiro nos Estados Unidos, Pereira & Santos (2009) consideram que as narrativas são um “lugar especial para a emergência e expressão de construções identitárias na relação com o outro em contextos discursivos locais, com relações de ordem macro no discurso” (p.138), parafraseando (BUCHOLTZ & HALL, 2005:585-86; BAMBERG, DE FINA & SCHIFFRIN, 2007:4-5).

Compartilhamos a premissa de que as identidades não se limitam a questões relacionadas a nascença, uma vez que devem ser compreendidas como construções que são permanentemente reconstituídas de maneira flexível, dinâmica e não-essencialista, estando sobretudo associadas às *performances* (BUTLER, 1990). Velho (1994) acrescenta que “os indivíduos vivem múltiplos papéis, em função dos diferentes planos em que se movem, que podem parecer incompatíveis sob o ponto de vista de uma ética linear” (p. 26).

Da mesma forma, Riessman (2003) afirma que, em estudos de práticas de comunicação e construção de identidade detalhados, a visão performativa é relevante, uma vez que narradores envolvem o público no "fazer" suas identidades.

Seguindo o mesmo viés, Langellier (2001) acrescenta que a partir da perspectiva da *performance* e performatividade, a análise da narrativa não só é semântica, envolvendo a interpretação de significado, mas também deve ser pragmática: analisar a luta sobre os significados e as condições e consequências de contar uma história de uma maneira particular.

No que diz respeito aos conflitos de (re)construção identitária das mulheres com câncer de mama, as transformações no corpo são frequentemente relatadas nas narrativas dessas mulheres, segundo Langellier (2001). A retirada de parte da mama assim como da mama por completo no procedimento da mastectomia é um assunto que gera controvérsias nos discursos das mulheres. A esse respeito, Davis (2008) salienta a preocupação em “como a saúde e a doença serão percebidos na sociedade e como as experiências de doença e morte serão incorporadas em nossas práticas diárias de vida” (*tradução minha*) (p.75).

Questões identitárias estão imbricadas, de certa forma, a vários tipos de narrativas. No caso das narrativas de doença investigadas por Riessman (2002), estas podem servir para corrigir o modo como a biomedicina trata o corpo com objetividade, tanto quanto fazem com que o sujeito humano tenha agência e voz.

3.3 Ciberetnografia

A natureza desta pesquisa é qualitativa, seu posicionamento epistemológico é o interpretativismo (SCHWANDT, 2006), dentro de uma perspectiva êmica (COULON, 1995). O contexto de pesquisa é digital, conta com uma participante brasileira em tratamento oncológico da mama, na ocasião com 39 anos, cujo nome fictício é Vitória. As fontes de dados são o *site* do Instituto Oncoguia, instituição de apoio à população com câncer e uma Fan Page do Facebook, administrada pela participante.

Em 2006, Gergen & Gergen já sinalizavam uma mudança nos métodos de fazer pesquisa qualitativa, dado que a revolução tecnológica com a inserção e popularização do computador e da comunicação via internet serviu como um divisor de águas tecnológico

(TURKLE, 1995). Desta forma, novas maneiras de imaginar as pesquisas e métodos passaram a ser pensadas partindo da inquietude a respeito da utilização de métodos tradicionais na realização de pesquisas contemporâneas.

Esta pesquisa está pautada na metodologia qualitativa e no trabalho etnográfico *online*, netnografia ou ciberetnografia, termo adotado no estudo (HALLET & BARBER, 2013). A coleta de dados se deu por meio da observação participante que aconteceu em ambiente digital no próprio *sites* já citados.

4 ANÁLISE DE DADOS

Excerto 1 – **SE FOR PARA MORRER, VOU MORRER LUTANDO**_Fonte: Site Oncoguia

O excerto em análise é parte integrante de uma entrevista estruturada pelo Instituto Oncoguia e postada no *site* da instituição (de domínio público) após ter sido respondida pela participante desse estudo. A pergunta que deu origem a essa resposta foi: *Instituto Oncoguia – Como você ficou quando recebeu o diagnóstico? O que sentiu?*

01 Num primeiro momento não acreditei que fosse verdade. E a primeira pergunta que não
02 quer calar apareceu: "DOUTOR, O SENHOR TEM CERTEZA?" Procurei mais de um
03 médico para comprovar o diagnóstico. Na primeira semana eu não dormia... eu não me
04 alimentava... só chorava. E a segunda pergunta que não quer calar apareceu: "POR QUE
05 COMIGO?" Nesta fase inicial, com o primeiro impacto, eu só possuía duas certezas:
06 1) QUERO VIVER;
07 2) VOU MORRER.
08 Se a revolta não me levaria a lugar algum, resolvi lutar pela vida. E foi aí que pensei: SE
09 FOR PARA MORRER, VOU MORRER LUTANDO. SE EU NÃO POSSO IR CONTRA O
10 INIMIGO, VOU JUNTAR-ME À ELE.

Aqui, Vitória narra a trajetória de sua vida desde o momento em que descobriu que tinha câncer de mama até quando se envolveu em campanhas sociais associadas à doença e começou a espalhar informações e histórias pessoais na web.

De acordo com os estudos labovianos, a avaliação é um elemento da narrativa que pode permear toda a história. Vitória, então, avalia a ação complicadora da sua narrativa através da frase "não acreditei que fosse verdade!" (01) antes mesmo de dizer a seu leitor o fato em si. Ela cria expectativa em sua audiência que, possivelmente, deseja descobrir o fato que Vitória realmente temia que fosse verdade. Desta forma, a participante chama atenção de seu leitor para o que ela diz na sequência.

No início da ação complicadora, Vitória narra o momento em que o médico revela que ela estava doente. O uso de discurso direto e as letras maiúsculas em "DOUTOR, O SENHOR TEM CERTEZA?" (02) descreve de forma dramática (GOFFMAN, 1974) a narrativa teatral contada por Vitória, como ela surpreendentemente reagiu após ouvir o diagnóstico da doença. Além disso, ela descreve seu sofrimento após tomar conhecimento de sua doença por uma sequência de manifestações lingüísticas (KLERES, 2010) de comportamento pessoal, "eu não dormia... não me alimentava... só chorava (03-04), combinada com as letras maiúsculas na pergunta "POR QUE COMIGO?" (04-05), que indica que ela estava mentalmente e fisicamente irritada por ter sido "escolhida" entre todas as mulheres para enfrentar as consequências de um câncer na mama. Com este primeiro impacto narrado por Vitória, ela tinha certeza apenas de duas certezas "1) QUERO VIVER; 2) VOU MORRER."(06-07). Embora Vitória profundamente desejasse viver, como ela enfatizou através uso de letras maiúsculas, a participante também estava ciente de sua morte. Vitória já tinha visto a morte de sua mãe causada por um câncer de mama e, naquele momento, ela era a nova vítima do câncer.

As primeiras reações de Vitória ao descobrir o câncer de mama envolvem a sua audiência em sua história como se o câncer pudesse ter mudado o curso da vida de seu leitor também. Na primeira parte da narrativa, Vitória compartilha sua dor e tristeza. Estas ligações emocionais estabelecidos por Vitória e seus leitores refletem o que Tannen (1989) chama de envolvimento. Bastos (2005) acrescenta que contar histórias não só é uma das estratégias mais eficazes para a criação de envolvimento, como também é uma *performance* através da qual as pessoas constroem a si mesmos e suas relações com os outros.

Esta narrativa de experiência pessoal reforça a ideia defendida por Riessman (2002) de que as narrativas de doenças são oportunidades para que o paciente tenha agência e voz. Embora o público de Vitória, majoritariamente pessoas com câncer, possa ter se identificado com o seu sofrimento inicial, sua declaração "Se a revolta não me levaria a lugar algum, resolvi lutar pela vida." (08) exibe força e coragem para enfrentar o tratamento do câncer e suas consequências mentais e físicas.

Vitória, então, começa a delinear sua construção identitária como uma mulher corajosa, que é capaz de superar toda a dor trazida por uma doença como o câncer e sobreviver. Ela molda o discurso de uma guerreira “SE FOR PARA MORRER, VOU MORRER LUTANDO. SE EU NÃO POSSO IR CONTRA O INIMIGO, VOU JUNTAR-ME À ELE...” (08-10), que deixa seus medos de lado e enfrenta seu “INIMIGO” mais terrível, o câncer, dessa forma personificado.

Uma análise temática (RIESSMAN, 2005) dessa narrativa indica que há mudança de uma narrativa de doença e dor para uma narrativa de esperança e superação, sendo capaz de inspirar as pessoas a superarem prováveis adversidades trazidas pela doença.

Excerto 2 – paciente com câncer tem direito a fila preferencial_Fonte: *Fan page “Tenho câncer, e daí?”*

O excerto 2 é parte integrante de um vídeo gravado pela participante Vitória e postado em sua *Fan page* “Tenho câncer, e daí?”. No trecho em questão, Vitória trata questões de utilidade pública, principalmente, a partir de suas próprias experiências enquanto mulher em tratamento de câncer de mama.

01 quando eu pego uma fila preferencial, porque caso vocês não saibam, paciente com câncer
02 tem direito a fila preferencial. Lá na plaquinha só tem o cadeirante, só tem a gestante e só
03 tem o idoso. Não tem um carequinha ou alguém com um lençinho na cabeça. >Mas o paciente
04 oncológico, o paciente com câncer é um paciente preferencial, é um cliente preferencial.< Ele
05 tem direito à senha preferencial, ele tem direito a não pegar fila. E todas as vezes que eu
06 chego em algum lugar e procuro pegar uma senha preferencial, as pessoas me olham torto
07 ((Valéria imita as pessoas arregalando os olhos para ela)), cochicham, reclamam, acham ruim
08 ou então olham com uma cara do tipo “Coitada!”

A análise deste excerto revela que Vitória interrompe abruptamente a orientação de sua própria narrativa pessoal “quando eu pego uma fila preferencial,” (01) para projetar uma imagem politicamente engajada através de seu discurso militante, alinhado-se à visão performativa da linguagem de Austin ([1962] 1990), isto é, “quando dizer é fazer”.

A reclamação de Vitória relativa à igualdade de direitos do paciente com câncer para utilizar filas prioritárias chama a atenção para as placas informativas da sociedade brasileira situadas em locais públicos e privados. Vitória se refere à placas que priorizam o atendimento de cadeirantes, grávidas e idosos em filas. Essa estratégia discursiva parece envolver sua audiência na relação preconceituosa sofrida por pessoas em

tratamento oncológicos, já que eles também compõem um grupo social minoritário (BASTOS, 2008).

Só depois de explicar ao seu público alguns direitos prioritários, Vitória finalmente conclui a orientação da narrativa “E todas as vezes que eu chego em algum lugar e procuro pegar uma senha preferencial,” (05-06) e começa a narrar a ação complicadora, “as pessoas me olham torto ((Valéria imita as pessoas arregalando os olhos para ela)), cochicham, reclamam, acham ruim ou então olham com uma cara do tipo “Coitada!” (06-08). Ela mostra claramente sua insatisfação a respeito das atitudes das pessoas a partir de uma seqüência de verbos como “cochichar” e “reclamar”. Neste trecho, a identidade de Vitória é construída na dimensão política, embora ela tenha tido sua integridade emocional ameaçada (LANGELLIER, 2001). Como Kleres (2010:183) argumenta, “narrativas são inextricavelmente emocionalmente estruturadas”, e uma vez que Vitória reclama da maneira curiosa como as pessoas olham para ela, a tristeza parece incomodá-la. Registrar sua insatisfação na web é uma evidência de seu descontentamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os dados de Vitória percebemos que há um alinhamento às ideias defendidas por Riessman (2005), para quem as narrativas ligadas à doença representam uma oportunidade de dar voz e agência às pessoas em tratamento médico. Além disso, as narrativas no contexto digital, nos casos analisados, revelam construções de *selves* da participante como uma mulher com dificuldades durante as fases do tratamento oncológico, mas sobretudo, com suas superações e conquistas, fatores importantes que tendem a empoderar os interagentes virtuais cujos enfrentamentos na vida podem ser semelhantes aos de Vitória.

No tocante à adaptabilidade, o fato de Vitória criar e interagir em novos espaços denotam tanto necessidade, quanto habilidade de se expressar no ciberespaço, o que não se limita à página institucional Oncoguia, mas se estende à página no Facebook (sua *Fan page*) gerenciada pela própria participante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J. L., Quando dizer é fazer: palavras em ação. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [How to do things with words. London: Oxford Univ. Press, 1962].

BASTOS, L.C. & FABRÍCIO, B. F. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: *Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração* / PEREIRA, M. das G. D., BASTOS, C. R. P., PEREIRA, T. C. (Orgs.), Rio de Janeiro : Garamond, p. 39- 59. 2009.

BASTOS, L.C. & FABRÍCIO, B. F. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: *Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração* / PEREIRA, M. das G. D., BASTOS, C. R. P., PEREIRA, T. C. (Orgs.), Rio de Janeiro : Garamond, p. 39- 59. 2009.

BASTOS, L.C. Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópio*. Vol. 6, n.2, p. 76-85, mai/ago, 2008.

BRUNER, Jerome. *Making stories: law, literature, life*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. 2005. Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach. *Discourse Studies*, 7(4-5):585-614.
<http://dx.doi.org/10.1177/1461445605054407>

BUTLER, J. (1990; Anniversary edition 1999) *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, New York: Routledge

CAMERON D. & PANOVIC I., *Working with written discourse*. London: SAGE, 2014. Pp. xii, 199. Hb. Cânone Editorial, 2013, v. , p. 204-234.

CERULO, K. A. Reframing Social Concepts for a Brave New (Virtual) World. *Sociological Inquiry* 67 (1), p. 48-58, 1997.

DAVIS, E. M. Risky Business: Medical Discourse, Breast Cancer, and Narrative. In: *Qualitative Health Research*, p. 65-76, 2008.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMÍNGUEZ, BEAULIEU, ESTALELLA, GÓMEZ, SCHNETTLERAND & READ, Virtual Ethnography. In: *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum Qualitative Social Research*, v. 8, n.3, 2007.

FRENDO, M. D., Netnografía – investigación, análisis e intervención social online. Editorial UOC, 1ª edición, 2011.

GERGEN, M. M. & GERGEN, K. J. Tensões e transformações. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*; 2ª edição; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre : Artmed, 2006.

GOFFMAN, E. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p.124-159, 1981.

GOFFMAN, E. On Fieldwork. *Journal of Contemporary Ethnography* 18 (2), 123-132, 1989. [Essa é uma transcrição baseada em 1974 apresentações].

GOFFMAN, E. The theatrical frame. In: GOFFMAN, E. *Frame Analysis*. New York: Harper and Row, 1974. p. 125-155.

HALLET & BARBER, Ethnographic Research in a Cyber Era, in: *Journal of Contemporary Ethnography*, 2014

KLERES, J. (2011), Emotions and Narrative Analysis: A Methodological Approach. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 41: 182–202. doi: 10.1111/j.1468-5914.2010.00451.x

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972. p. 354-396.

LANGELLIER, K.M. “You’re marked”: breast câncer, tatoo, and the narrative performance of identity. In: BROCKMEIER, Jens and DONAL CARBAUGH. *Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture*. Amsterdam, John Benjamins, 2001.

LINCOLN, Y. S. & GUBA, E. G. *Naturalistic Inquiry*. Newbury Park, CA: Sage, 1985.

LINDE, C. Narrative: Experience, Memory, Folklore, in: *Journal of Narrative and Life History*, 7 (1-4), (New Jersey: Lawrance Erlbaum Associates), 281-289, (1993).

LOPES, L. P. da M., Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstucionista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C.C. e DANTAS, M. T. L. (orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.

LUPTON, D., Thinking through emotion: theoretical perspectives. IN: ____ *The emotional self: a sociocultural exploration*. London: Sage Pub., P.10-38 , 1998.

MEY, J. L. & GORAYSKA, B. 'Integration in computing: an ecological approach.' Third International Conference on Systems Integration, São Paulo, Brazil, July 30- August 6, 1994. Los Alamitos, CA: Institute of Electrical and Electronic Engineers, 1994.

MEY, J. L. Adaptability in Human-Computer Interaction. In: *Concise Encyclopedia of Pragmatics*, Second Editon (7-13), Oxford: Elsevier, 2009.

MEY, J.L. Sequencialidade, contexto e forma linguística. (Tradução: Ive Brunelli) In: SILVA, D. N., FERREIRA, D. M. M. & ALENCAR, C. N. (orgs.). *Nova Pragmática: modos de fazer*. São Paulo : Cortez, 2014.

PEREIRA, M. das G. D. & SANTOS, F. M. Narrativas de deslocamento e evidencialidade: construções de entre-lugar de um emigrante mineiro de retorno dos estados unidos. In: *Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração* / PEREIRA, M. das G. D., BASTOS, C. R. P., PEREIRA, T. C. (Orgs.), Rio de Janeiro : Garamond, p.133-160, 2009.

PEREIRA, M. G. D. ; Cortez, C. M. . Agência e performance em narrativas sobre o tratamento da tuberculose em vila rosário: projeções do eu avaliativo e agentivo.. In: Pinto, Joana Plaza e Fabricio, Branca Falabella. (Org.). *Exclusão social e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias..* 1aed.Goiânia:

RIESSMAN, C. K. *Illness Narratives: Positioned Identities*. Health Communication Research Centre, Cardiff University, Wales, U.K., 2002.

RIESSMAN, C. K. Looking Back, Looking Forward. In: *Narrative Methods for the Human Sciences*, Los Angeles, SAGE, 2008.

RIESSMAN, C. K. Narrative Analysis. In: N. Kelly, C. Horrocks, K. Milnes, B. Roberts & D. Robinson (Eds.) *Narrative, Memory and Everyday Life*. (2nd ed., pp. 1-7). Huddersfield, UK: University of Huddersfield, 2005.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. (37-46) In: *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação* / Organizadores: Liliana Cabral Bastos e William Soares dos Santos – Rio de Janeiro : Quartet : Faperj, cd2013.

SHIFFRIN, D., Narrative as self-portrait: Sociolinguistic constructions of identity., *Language in Society* 25, 167-203, 1996.

TANNEN, D. 1989 Involvement in Discourse. In: TANNEN, D. *Talking voices. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse.* , Cambridge England ; New York: Cambridge University Press. p. 25-42

THOMSEN, S. R., STRAUBHAAR, J. D. & BOLYARD, D. M., Ethnomethodology and the study of online communities: exploring the cyber streets, *Information Research*, 4 (1), 1998. [Disponível em: <http://informationr.net/ir/4-1/paper50.html>] Acesso em 27 de fevereiro de 2013, 15:36.

TURKLE, S. *A vida no ecrã. A identidade na era da Internet*. Lisboa: Relógio d' Água, p. 20-52, 1997.

VELHO, G. *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

SOBRE A AUTORA:

Possuo bacharelado e licenciatura em Letras português/inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestrado acadêmico em Linguística Aplicada também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, curso o doutorado em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e tenho bolsa subsidiada pela CAPES.